

SAÚDE DOCENTE: POSSIBILIDADES E LIMITES

Paulo Henrique Schwalm

Marmeleiro - PR

PDE – Gestão Escolar

Unioeste

Introdução:

O estudo ora desenvolvido busca analisar a dinâmica da relação educação/trabalho e saúde dos docentes da rede de ensino público, especificamente na rede estadual de ensino paranaense revelando aspectos dessa relação e as formas de superação dos conflitos e tensões do cotidiano, afirmando a vida nas suas diferentes dimensões.

Dessa forma, objetivamos investigar maior visibilidade à problemática dessa relação através de um estudo de viés qualitativo, procurando estar à escuta da dinâmica que aí se estabelece, entendendo como o trabalho na escola contribui para a produção de sofrimento e adoecimento nos que lá trabalham e ainda identificando como se defendem da nocividade do ambiente de trabalho.

O contato com esta temática levou a algumas reflexões sobre o trabalho docente e os diversos fatores a ele associados que contribuem para as manifestações do Mal Estar docente.

O quadro da educação no país aponta para um estado já crônico de incapacidade para dar conta do que exige a sociedade contemporânea. Isto se revela não apenas pela insuficiência, como por um processo de precarização da rede pública de ensino: quantidade insuficiente de escolas, professores e demais trabalhadores de educação, em paralelo ao aumento do número de alunos matriculados; ausência de equipamentos coletivos essenciais ou Partimos da hipótese de que as condições de trabalho, excesso de tarefas, pressão por qualificação profissional, falta de apoio institucional, entre outras, geram um sobre esforço na realização de suas tarefas, portanto, e para tanto esta seria a causa de muitos sofrimentos, doenças psíquicas e físicas que acomete os docentes hoje.

“O profissional docente passa por um processo doloroso, relegando sua

condição de trabalho a um plano escondido, recalcado e silencioso. Vivemos num tempo de enormes exigências de atualização, onde, com a implantação da tecnologia, supostamente diminuiremos o trabalho e teremos tempo livre, entendendo o tempo livre como: tempo livre do trabalho. Não tempo livre para exercer outra função ou ocupação que não a docente”. (Webler, 2007)

A pesquisa sobre trabalho docente é um campo em construção, complexo e diverso, atravessado por situações políticas que agonizam o reclamo dos docentes por melhores condições de trabalho no contexto das reformas educacionais da última década e sua incidência nas mudanças relativas ao trabalho.

No âmbito sindical docente, onde se tem logrado estabelecer uma comunicação mais permanente entre os investigadores que trabalham o tema, observam a urgência que o problema aqui levantado precisa ser encarado como política pública de governo.

Propõe-se com a pesquisa, colaborar na discussão da problemática das condições precárias de trabalho, no que diz respeito aos seus efeitos sobre o quadro de saúde/doença dos docentes, sendo percebida ainda como prevenção e diagnóstico. Webler em sua pesquisa sobre as causas dos afastamentos dos professores questiona

“Para tanto é preciso verificar se existe sofrimento e qual o nível do mesmo entre os professores, quais as possíveis causas e sintomas que poderão servir de alerta para a necessidade de buscar alternativas, soluções voltadas para a saúde dos professores”.

Partimos da hipótese de que as condições de trabalho, excesso de tarefas, pressão por qualificação profissional, falta de apoio institucional, entre outras, geram um sobre esforço na realização de suas tarefas, portanto, e para tanto esta seria a causa de muitos sofrimentos, doenças psíquicas e físicas que acomete os docentes hoje.

A necessidade da pesquisa surgiu da observação e atuação do trabalho pedagógico da escola, onde por muitas vezes, fomos surpreendidos pelo absentéismo de professores e tivemos que atender alunos em sala de aula, sem organização ou planejamento das atividades que seriam atribuídas aos mesmos. Da observação e constatação de situações em que os professores têm demonstrado elevado nível de cansaço físico e mental, desânimo, angústias em relação à vida e manifestadas no seu trabalho.

A intenção é levantar os fatores que afetam o mal-estar docente e

conduzir os professores a uma profunda análise sobre a presente crise, revelando sua verdadeira amplitude, procedendo a uma profunda autocrítica sobre a redefinição do trabalho do professor.

Frequentemente ouvimos ou presenciamos situações na escola de que em determinados momentos existe a ausência do professor, com isso o aluno fica sem aula ou sai mais cedo. Averiguando os fatos, constatamos que o professor tem cada vez mais se apropriado de condições físicas e emocionais que não revelam bem-estar, causando assim afastamento das salas de aula, por estarem adoecendo cada vez mais precocemente. O que por diversos fatores, causa patologias que precisam ser tratadas com regularidade pois desencadeiam outras mais profundas e crônicas.

Neste quadro, a Síndrome de Burnout (esgotamento, perda de interesse...), o absenteísmo (falta de assiduidade), o estresse, problemas com a voz, lesão por esforço repetitivo LER, e a depressão, já despontam como as principais conseqüências deste mal-estar a que vem sendo submetidos os docentes. Muitos docentes maquiagem este mal-estar e postergam um tratamento imediato que evitaria futuras conseqüências mais graves. Grande parte dos professores e auxiliares das instituições escolares nem percebem quando estão sendo acometidos de algum sintoma de mal-estar, dificultando assim, o diagnóstico de seu problema e tornando ainda mais difícil obter uma visão de conjunto do que ocorre realmente no exercício da docência.

Mediante o mal estar docente e a perspectiva de afastamento para tratamento de enfermidades, quais atitudes devem ser promovidas pelo gestor do estabelecimento de ensino para que haja a reversão deste quadro de mal-estar perante o seu trabalho nas escolas?

A intervenção que se pretende na realidade escolar se dará através do desenvolvimento de uma metodologia de acompanhamento das condições de trabalho e saúde adequadas, articuladas a uma série de atividades direcionadas ao bem estar.

1. O Problema:

Os profissionais da educação, em particular os professores, como aponta Esteve (1999), têm sofrido tanto uma exigência de posturas requeridas pela sociedade, como problemas relativos aos recursos materiais e humanos.

Modificações no contexto social das últimas décadas alteraram significativamente o perfil do professor e as exigências pessoais e do meio em relação à eficácia de sua atividade.

Percebemos que, além das funções tradicionais, referentes ao ensino das disciplinas, recomendaram-se nos últimos anos outras funções como: arrecadação de recursos para manutenção da escola, por meio de festas, bingos e afins e, ainda, servindo como aparato para todos os problemas sociais. Como se a escola fosse responsável por todas as mazelas do mundo.

O quadro da educação no país frente às demandas de modernização do mundo atual busca-se traduzir a qualidade do ensino pelos seus índices de produtividade, que representam maior número de alunos por turma, enxugamento do número de profissionais e pela capacidade da escola em produzir conhecimentos práticos e objetivos. Afastando o professor de momentos de integração como reuniões, viagens, descontração e de cuidados pessoais e coletivos que todo cidadão tem como direito primordial como saúde e lazer. Neste contexto a abrangência de ações que remetem o professor à busca de novos conceitos, novas sensações, merece especial atenção dos gestores escolares e suas práticas educacionais, formalizando integração, discussão e postura mediante as experiências inovadoras para este docente.

Diante de um novo modelo de organização do trabalho, as implicações do trabalho na saúde dos professores configuram um novo quadro de danos à saúde que se revela em um maior sofrimento psíquico. Toda a produção da vida material, que sempre se desenvolve dentro e por meio de uma forma particular da sociedade, ocorre no processo de trabalho. O determinante fundamental do processo de trabalho no capitalismo é que se organiza para criar o máximo de mais-valia e, conseqüentemente, de lucro, fato que o transforma profundamente. É o modo de produção que gera determinado modo de consumo.

Estas mudanças no contexto social e econômico mundial nas últimas décadas tem tido impacto direto na escola. Têm produzido efeitos perversos na vida dos professores, que se vêem pressionados pela sociedade a cumprir um papel que, de acordo com Esteve (1999), não corresponde à realidade. É exigido destes profissionais que ofereçam qualidade de ensino, dentro de um sistema de massa, ainda baseado na competitividade, entretanto os recursos materiais e humanos são cada vez mais precarizados, tem baixos salários, há

um aumento das funções dos professores contribuindo para um esgotamento e uma contradição quanto à formação que é oferecida. Diante do quadro mundial em que a escolaridade já não representa mais uma garantia de emprego, surgem dúvidas a cerca da formação, a sociedade e os professores precisam redefinir que tipo de homem quer formar.

O nível de tolerância às situações de ambigüidade é um dos sinais de estresse em docentes e em outros trabalhadores do setor de serviços. O avanço de formas cada vez mais severas do capitalismo, em sua luta para hegemonizar mercados, impõe limites para a escola pública como projeto cultural e trata de submeter-se a lógica do mercado como serviço.

Diante deste cenário, poderia se pensar na importância da educação nesta fase de grande tensão, até mesmo como uma possibilidade de saída para esta crise.

2. Conseqüências:

A busca de razões para o adoecimento do docente trouxe a tona um cenário de um trabalhador desconhecido, e um processo de trabalho que também o era, tanto para a sociedade como para seu próprio realizador. O professor atualmente não se sente em condições de questionar, perguntar, argumentar sobre os aspectos determinantes de seu trabalho cotidiano, por estar afastado ou privado de um acesso adequado a toda essa problemática. Vê a sua identidade questionada. O que produz passa a ter um destino incerto, não reconhecido ou perdido em registros de memória frágil de alunos e companheiros.

Esteve (1999) enumera uma graduação das conseqüências:

- 1. Sentimentos de desconcerto e insatisfação ante aos problemas reais da prática da educação, contradição com a imagem ideal que os professores queriam realizar.*
- 2. Desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal com o trabalho que se realiza.*
- 3. Pedido de transferência como forma de fugir de situações de conflitivas.*
- 4. Desejo manifestado de abandonar a docência (realizado ou não).*
- 5. Absenteísmo como mecanismo para cortar a tensão acumulada.*
- 6. Esgotamento, cansaço físico permanente.*
- 7. Ansiedade como risco ou ansiedade de expectativa.*
- 8. Estresse.*
- 9. Depreciação de si, auto-culpabilização ante a incapacidade para melhorar a educação.*

10. *Ansiedade como estada permanente, associada como causa-efeito a diversos diagnósticos de enfermidade mental.*
11. *Neurose reativa.*
12. *Depressões.*

O papel do professor sofreu uma ampliação que gerou um aumento de confusão no que se refere à capacitação de que ele necessitava e quando e como deveria aplicá-la. Há uma renúncia de responsabilidades transferindo-as para as Instituições Escolares, a incorporação em massa da mulher ao mundo do trabalho e a transformação da família, a transmissão de conhecimento modificou-se por novos agentes como os meios de comunicação, e ainda a definição de quais valores serão defendidos e como serão.

Em função dessa rápida transformação social no contexto social, diminui-se o apoio aos educadores por parte da sociedade, entretanto a cobrança que a escola cumpra funções que tradicionalmente competiam a outras instituições sociais é cada vez maior, sem, porém serem oferecidos recursos para que possam superar esses novos desafios. A crise da instituição escolar, a crise do ato pedagógico em si, o desencanto no exercício da docência devido à subvalorização da formação de professor e os fatores relacionados anteriormente representam fontes do mal-estar docente.

A desqualificação de um determinado conjunto de trabalhadores opera-se quando estes se vêm expropriados de algum tipo de conhecimento que tradicionalmente tenha sido considerado necessário e imprescindível para a realização de sua tarefa e ofício. Quando eles vão limitando sua visão do processo laboral desde uma perspectiva global e quando suas habilidades e competências vão adquirindo um caráter unilateral irreversível. Faz tempo que o docente percebe esta situação em sua vida laboral cotidiana. As reformas e ajustes nos gastos educativos têm determinado uma desvalorização significativa de seu trabalho. O fechamento de uma etapa histórico cultural e a larga crise de construção de uma nova submete a este setor uma incerteza e ambigüidade desestruturantes, com relação a sua identidade pessoal e coletiva.

O processo de desvalorização revela-se também na crescente depreciação e desqualificação social, psicológica dos professores, através do rebaixamento salarial e desvalorização de suas atividades, ausência de um ambiente de trabalho propício à viabilização dos investimentos efetuados para dar conta do

trabalho, ao julgamento e ao reconhecimento desse trabalho. Somam-se às atividades da escola, a idéia de uma máquina de ensinar, o preenchimento de relatórios referentes à avaliação do desempenho dos alunos, do diário de classe e avaliação anual, com cálculo de notas, médias e freqüência e ainda elaboração de atas de reuniões e conselhos de classe; o aumento de horas/aula dos professores, acarretado pelo aumento da carga horária anual, o elevado número de alunos por turma.

3. Possibilidades:

Diante do contexto apresentado são necessárias mudanças na política educacional brasileira, fato este que precisa ser muito bem discutido e fundamentado, apresentando soluções viáveis e definitivas em relação à saúde do professor.

Algumas ações paliativas podem ser feitas de maneira a desacelerar o mal estar docente, porém não podem ser estabelecidas como conclusivas e únicas no processo de diminuição deste mal estar. Há fundamentos básicos de relacionamento coletivo que ajudam no alívio dos problemas enfrentados no cotidiano, entre estes, passaremos a discorrer sobre alguns já utilizados como instrumento de ação prática na escola, durante o ano letivo. Podemos propor atividades que fortaleçam a vivência do profissional em educação. As diversas que citaremos já foram aplicadas com êxito no Colégio estadual Telmo Octávio Muller de Marmeleiro - PR, tendo como resultado visível a opção dos professores em participar de todas as atividades da escola, assim os projetos pedagógicos implantados na escola em benefício dos alunos tiveram maior aceitação e empenho por parte de todos:

- Roda de Conversa – são encontros que visam propor a exposição dos problemas vividos para compartilhá-los e encontrar situações semelhantes que já tiveram desfecho plausível.
- Viagem de estudo e lazer – pela determinação de locais que envolvam aprendizado e ambiente positivo, encontrarem a harmonização do ser humano e da natureza.

- Cinema na escola – escolher filme que traga reflexão, mudança de comportamento e análise de mundo. Utilizando debate, conduz-se a perspectiva de novas possibilidades.
- Café da manhã, almoço ou jantar na escola: com nutricionista dando dicas de saúde alimentar, higiene, reeducação alimentar ao mesmo tempo em que se faz a integração dos envolvidos na comunidade escolar.
- Intercâmbio Escolar – formar grupos de professores que visitem outras escolas para trocarem experiências, sejam elas em outros municípios, estados ou país.
- Leituras orientadas – a sugestão de livros, pelos próprios colegas, que apropriem o professor e funcionários de momentos mais felizes e de conhecimento de mundo,
- Convivência em equipe: durante um dia são aplicadas diversas dinâmicas que priorizam o trabalho coletivo, onde o principal objetivo é o envolvimento de todos na solução das questões encaminhadas.
- Palestras direcionadas: contatar profissionais para palestrarem sobre assuntos pertinentes ao bem estar do professor, dentre as quais: motivação, afetividade, sucesso financeiro, cultura.
- Saúde preventiva: através de conversas com médicos, psicólogos, terapeutas, perceber pontos que aumentam a possibilidade de adoecer gerando assim o mal estar docente e seu afastamento das atividades escolares.

As práticas aplicadas na escola mostraram resultados simples mas consideráveis, como a melhora no relacionamento dos professores, a descoberta dos gostos, preferências, dramas e situações vividas por cada um, onde todos se familiarizaram com as situações vividas pelos colegas. Com a integração dos professores, o ambiente tornou-se mais propício ao desenvolvimento de atividades pedagógicas, visto que a responsabilidade e a vontade de participar das ações da escola cresceram.

São atitudes que contribuem com o trabalho do professor na escola, porém não eliminam doenças já existentes, ou que estão em fase de expansão,

muitas das quais psicossomáticas e que necessitam de apoio especializado. Esta situação nos remete a citação de Ricardo Antunes, 2004:

“Quando a vida humana se resume exclusivamente ao trabalho, ela se converte num esforço penoso, aprisionando os indivíduos e uniteralizando-os. Se, por um lado, necessitamos do trabalho humano e de seu potencial emancipador, devemos também recusar o trabalho que explora, aliena e infelicitiza o ser social.”

Em questionário aplicado aos professores, com enfoque em seu sentimento em relação ao trabalho, constatou-se que a maioria gosta da profissão escolhida, sente que melhorou como profissional desde o início de sua carreira, porém declaram que sentem dores generalizadas, estresse, sintomas de depressão, desmotivação e que encontram apoio muitas vezes nos colegas de trabalho e na família. O absenteísmo ficou forte nas declarações dos professores, permitindo assim que se faça análise da situação e que sejam propostas ações concretas no âmbito de políticas públicas educacionais.

Considerações:

Existem vários fatores que levam o docente ao mal-estar, os principais são a violência nas instituições escolares com o aumento de agressões a professores, gerando medo e insegurança; a acumulação de exigências sobre o professor: obrigando-o a realizar uma atividade fragmentária; deve manter a disciplina suficiente, mas ser simpático e afetuoso; deve atender individualmente as crianças sobressalentes que queiram ir mais depressa, mas também aos mais lentos, deve cuidar da sala de aula, programar, avaliar, orientar, receber os pais e colocá-los a par dos progressos de seus filhos, organizar diversas atividades, atender problemas burocráticos, ainda a falta generalizada de recursos materiais e as condições de trabalho, até porque influencia diretamente numa renovação metodológica profunda, e a lista de exigências parece não ter fim, trazendo ansiedade, depressão, neuroses, esgotamento que geram conseqüências negativas para a saúde deste

profissional.

Além disso, ainda temos fatores secundários como a mudança no papel do professor; contestações e contradições da função docente; modificação do apoio do contexto social; objetivos do sistema de ensino e o avanço do conhecimento; a imagem do professor perante a sociedade, isso tudo faz refletir sobre as mudanças que devem ocorrer urgentemente no sistema educacional brasileiro para que não haja uma depreciação maior nas escolas do país.

O ser humano apresenta um limite físico, mental e emocional que precisa ser respeitado para se obter bons resultados na vida pessoal e profissional.

Entretanto, não podemos esperar que os dados estáticos dos professores afastados do seu local de trabalho permaneça, precisamos estar sempre nos questionando sobre:

Quais são os limites dados na família, na sociedade e na escola?

Quais são os limites da pressão exercida sobre o trabalho docente?

Qual o limite do professor? Da família? Da Sociedade?

Quais as possibilidades de bem-estar do professor, da família e da sociedade?

Referências Bibliográficas:

CODO, W., 1999. *Educação, carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes/Brasília, CNTE-UnB.

DEJOURS, C. 1997. *O fator humano*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.

ESTEVE, J. M., 1999. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*.

Bauru: EDUSC.

ANTUNES, Ricardo. , 2004. *A dialética do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular

ANTUNES, Ricardo. 2004. *O Averso do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular

ARROYO, Miguel G. 2004. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e*

mestres. Petrópolis, RJ: Vozes.

GENTILI, Pablo. 1995. *Pedagogia da Exclusão*. Petrópolis, RJ: Vozes.

THURLER, Mônica Gather. 2001. *Inovar no interior da escola*. Porto Alegre RS: Artmed

TARR, Irmtraud. 2006. *Porco-espinho: como conviver com pessoas difíceis*. São Paulo Sp: Melhoramentos

WEBLER, Rita Melânia. 2007. *O mal-estar e os riscos da profissão docente*. Artigo. Unioeste campus Marechal Cândido Rondon

MEIRIEU, Philippe. 2006. Carta a um jovem professor. Porto Alegre RS: Artmed